



**FACULDADE DE TECNOLOGIA DO AMAPÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA VITÓRIA VIANA CASTELO

**AS PERSPECTIVAS SOBRE AS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA NILDA DA
ROCHA PORTAL**

**MACAPÁ
2025**

**AS PERSPECTIVAS SOBRE AS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA NILDA DA
ROCHA PORTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Faculdade de Tecnologia do
Amapá (Meta) para obtenção do título de
graduado/a sobre a orientação do Prof. Dr. José
Adnilton Oliveira Ferreira.

Data _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Adnilton Oliveira Ferreira (Faculdade de Tecnologia do Amapá)
Presidente e Orientador da Banca

Profa. Me. Cleuma Roberta de Souza Marinho (Faculdade de Tecnologia do Amapá)
Avaliador 1

Prof. Armando Sérgio Nunes Pereira (Faculdade de Tecnologia do Amapá)
Avaliador 2

MACAPÁ
2025

AS PERSPECTIVAS SOBRE AS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA NILDA DA ROCHA PORTAL

Maria Vitória Viana Castelo¹
José Adnilton Oliveira Ferreira²

RESUMO: Este estudo investigou as perspectivas sobre as práticas alfabetizadoras na Educação Infantil da Escola Municipal Professora Maria Nilda Rocha da cidade de Macapá, em uma perspectiva crítica fundamentada na pesquisa qualitativa através de uma abordagem metodológica de campo e de pesquisa bibliográfica exploratória, com método baseado no estudo sobre as práticas alfabetizadoras na educação infantil, com instrumentos do tipo entrevista semiestrutura da e questionário aberto, a partir da problemática: Quais são as perspectivas dos professores e da gestão pedagógica sobre as práticas alfabetizadoras na educação Infantil da Escola? A pesquisa teve como objetivo geral analisar as perspectivas dos professores e da gestão pedagógica sobre as práticas alfabetizadoras na educação infantil. O local da pesquisa foi na Escola Municipal Professora Nilda da Rocha Portal. Para a coleta de dados, foram selecionados dois professores denominados de A e B respectivamente, uma coordenadora pedagógica e uma diretora denominadas C.01 e D. 01 respectivamente. Para os dois professores foram aplicados um questionário de nove perguntas e dentre elas foram escolhidas apenas cinco para análise. Para a coordenadora foi aplicado outro questionário de dez perguntas e dentre elas foram escolhidas apenas quatro para análise. E para a diretora foi produzido um roteiro de entrevista. Os dados coletados foram analisados e discutidos de forma qualitativa com apresentação das perguntas norteadoras tanto dos questionários, quanto da entrevista. Os resultados obtidos apontaram que práticas diferenciadas à luz da pedagogia da infância, que concebe a criança como protagonista, que tem vez e voz no planejamento, na execução de toda prática educativa, na valorização de metodologias lúdicas, pois favorecem o processo de aprendizagem.

Palavras-Chave: Perspectivas; Práticas; Alfabetização infantil.

1 INTRODUÇÃO

Ao se refletir sobre educação infantil faz-se necessário discutimos a ideia de infância. Não podemos negar a condição da criança como sujeito histórico e social.

¹Maria Vitória Viana Castelo, acadêmica de licenciatura em pedagogia da Faculdade de Tecnologia do Amapá-META. mariavitoriavb@gmail.com

² José Adnilton Oliveira Ferreira, professor doutor orientador da Faculdade de Tecnologia do Amapá-META. joseadniltonferreira@gmail.com.br

O conceito de infância não pode ser entendido apenas como um período da vida do indivíduo e sim como uma construção histórica, tendo em vista que passou e continua passando por concepções diferentes, sofrendo alterações de acordo com cada momento histórico.

A discussão sobre as perspectivas das práticas alfabetizadoras na educação infantil, deve ocorrer frequentemente e nas últimas décadas essa questão vem sendo cada vez mais debatida.

Estas discussões são resultado das diferentes visões sobre crianças, famílias, coordenação pedagógica da Educação Infantil e das práticas de ensino para essa etapa escolar, na qual, esse ensino vem sendo, muitas vezes criticado pela falta de práticas educativas significativas, pois ao pensar em uma educação voltada para o público infantil é necessário planejar e executar práticas direcionadas para o desenvolvimento da criança.

É fundamental que o aluno saiba ler as letras, mas, é necessário que esse aluno saiba fazer a leitura do mundo que está ao seu redor, exercendo atividades sociais de leitura e escrita que a sociedade em geral exige do cidadão, saber ler é ver o mundo de uma forma bem ampla ou abrangente com os olhos de alguém que vai além da escrita, com olhos daquilo que está lendo seja vivido por toda a sua vida.

Almeida (2012) relata muito bem fazendo a diferenciação da alfabetização e letramento, até porque essas duas maneiras são inseparáveis e acabam caminhando como via de mão dupla. Aliás, precisa sim conhecer os códigos da escrita, no entanto precisa dentro do letramento o desenvolvimento dessa escrita como a interpretação do mundo em que ele vive.

Dessa forma, como propósito de orientar os educadores da Educação Infantil, as DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil), no que tange à educação de crianças na Educação Infantil, busca-se a adoção de práticas pedagógicas mediadoras, a fim de promover o processo de aprendizagem sem que ocorra a antecipação dos conteúdos que posteriormente serão trabalhados no Ensino Fundamental (BRASIL, 2009b).

A pesquisa está distribuída em alguns tópicos: A historização da alfabetização através dos tempos; os aspectos legais da educação no Brasil; fundamentos teóricos e mitológicos no processo de alfabetização.

Este estudo visa discutir a prática alfabetizadora na educação infantil da Escola Municipal Professora Nilda da Rocha Portal, localizada em Macapá, que atende alunos da educação infantil. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, com abordagem metodológica de campo e bibliográfica exploratória, a partir da seguinte problemática: Quais são as perspectivas dos professores e da gestão pedagógica sobre as práticas alfabetizadoras na educação Infantil da Escola Municipal Professora Nilda Rocha Portal?

O lócus da pesquisa Escola Municipal Professora Nilda da Rocha Portal, localizada em Macapá do Estado do Amapá. Para a coleta dos dados realizou-se a aplicação de uma entrevista semiestruturada e dois questionário abertos. Os participantes da pesquisa foram dois (2) professoras da educação infantil, uma (01) coordenadora pedagógica e a diretora da escola.

Os dados coletados foram analisados a partir da definição inicial das seguintes categorias: As Perspectivas dos professores sobre as práticas educacionais da alfabetização infantil, as Percepções da coordenação sobre as práticas educacionais e as concepções da direção sobre a prática alfabetizadora no ambiente escolar da educação infantil.

A pesquisa tem como objetivo geral de analisar as perspectivas dos professores e da gestão pedagógica sobre as práticas alfabetizadoras na educação infantil da Escola Municipal Professora Nilda da Rocha Portal. Os objetivos específicos são identificar os fundamentos teóricos e metodológicos de professores na educação infantil, verificar como ocorre o processo de alfabetização na educação infantil de uma escola da rede municipal de ensino e averiguar os planejamentos das práticas de ensino realizados por professores da educação infantil.

Esse trabalho de conclusão de curso pretende por meio da pesquisa qualitativa através de uma abordagem metodológica de campo e de pesquisa bibliográfica exploratória que visa contemplar de forma sucinta, o tema abordado, considerando que esta abordagem proporciona resultados significativos na área educacional, para no sentido de oportunizar ao pesquisador uma visão mais ampla no cotidiano escolar, além de produzir conhecimentos e contribuir para a transformação da realidade de cada estudante no processo educativo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A HISTORIZAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A respeito do processo de alfabetização partindo do princípio de que surgiu na Antiguidade por meio da representação gráfica do mundo, através de desenhos e de palavras, através da escrita. Nesse sentido, observamos que Cagliari (1996) usa de uma linguagem metafórica para ilustrar como isso poderia ter ocorrido:

(...) quem inventou a escrita foi a leitura: um dia, numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando, animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano. Certo dia recebeu a visita de alguns amigos que moravam próximo e foi interrogado a respeito dos desenhos. Queriam saber o que representavam aquelas figuras e por que ele as tinha pintado nas paredes. Naquele momento, o artista começou a explicar os nomes das figuras e a relatar os fatos que os desenhos representavam. Depois, à noite, ficou pensando no que tinha acontecido e acabou descobrindo que podia "ler" os desenhos que tinha feito. Ou seja, os desenhos, além de representar objetos da vida real, podiam servir também para representar palavras que, por sua vez, se referiam a esses mesmos objetos e fatos na linguagem oral. A humanidade descobria assim que, quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho; mas, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita (...). (CAGLIARI, 1996, p.13, 14).

No século XVIII, aconteceu a revolução francesa, um marco na história, porque inaugurou um processo que levou à universalização dos direitos sociais e das liberdades individuais a parti da Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão.

Até o século XIX era bastante, comum saber ler e não escrever principalmente entre as mulheres. Essas duas aprendizagens não ocorriam ao mesmo tempo, mas uma após a outra. Algumas pessoas liam somente alguns tipos de letras e outros não.

Segundo Frago (1993), inicialmente, a leitura não se distingue da memorização: é a mnemotecnica de um desenho, mais que o deciframento de um texto. (...) Escrever, toda via, significa se comunicar em segredo, individuo a individuo. Sendo assim, não há somente um único processo de alfabetização, mas dois processos com evolução diferenciada: o da difusão da leitura e o da escrita.

No século XX, Paulo Freire, um educador brasileiro, criou um método inovador para alfabetização, porém foi contestado pelo próprio país. Nesse contexto:

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (Paulo FREIRE, Educação na cidade, 1991, p. 68 Apud GADOTTI)

Segundo a visão de Paulo Freire (2012) não se resume a leitura e escrita e seu acesso antes da alfabetização, mas da leitura do mundo, logo é importante fazer uma análise e compreender, que a alfabetização não é só a decodificação de códigos, mas sim um instrumento para lutar pela melhoria da qualidade de vida.

Na década de 70, foi criado o programa Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.

No final dos anos 80, começou a ser desenvolvido o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) foi a primeira iniciativa brasileira, em escala nacional, para se conhecer o sistema educacional brasileiro em profundidade e foi aplicado pela primeira vez em 1990.

A alfabetização na educação infantil, é um processo fundamental para o desenvolvimento das habilidades cognitivas, de acordo com a LDB (Brasil, 1996), em seu artigo 29, visa ao pleno desenvolvimento da criança em seus vários aspectos e assegura-lhe o cuidar e o educar como direito e de responsabilidade da família e do Estado pelos órgãos competentes. Entretanto é nesse período do processo de alfabetização que fica evidentes os seus desafios e de como pode ser prejudicial para a criança se não for bem estruturado. Nesse sentido a educação infantil é uma etapa que é legal e garante o direito a educação:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). (BRASIL, 1996)

Segundo Brasil (1996) a primeira etapa apresenta finalidades que deve garantir ao aluno acesso integral ao ensino desde os 5 anos de idade para seu pleno desenvolvimento. Nesse sentido, a educação no Brasil mesmo sendo desafiadora, as limitações não devem o processo de ensino-aprendizagem, no qual já consiste em ser uma etapa que exige compromisso e dedicação do docente durante o caminho.

A alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...) A alfabetização, portanto, é toda pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra (FREIRE, 2011, p. 10).

Segundo Freire (2011) a habilidade de saber ler e realmente entender o que está escrito pode mudar o futuro de uma criança e é um dos primeiros passos para ela ter um desenvolvimento saudável, além de ser essencial para novas oportunidades ao longo da vida, seja no âmbito cultura, de lazer e, até mesmo, no mercado de trabalho.

Outro programa que buscou diminuir os índices de analfabetismo no país nos anos de 2013 a 2017 foi o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic). A ação é um compromisso formal assumido pelos governos federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao fim do terceiro ano do ensino fundamental.

Segundo Soares (2016) continuamos discutindo métodos, sem entender o processo, como se pudesse achar de repente um método que fosse uma varinha de condão, uma receita. Magda deixa claro que é contra a utilização de um método para a alfabetização, a autora sugere os termos “teorias” e “práticas”, ambos no plural porque não há apenas uma teoria, mas diversas teorias que oferecem fundamentos para o processo de aprendizagem e, dessas teorias, surgem muitas práticas.

2.2 OS ASPECTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Pensando na Educação Infantil, pesquisadores da área, como Scarpa (2006), Araújo (2017) consideram que é uma etapa de grande relevância ao desenvolvimento integral da criança e que nesta fase ocorre o início da democratização de acesso à cultura escrita. Nesse sentido, há um amplo consenso de que essa primeira etapa da Educação Básica tem por objetivo ampliar e potencializar vivências diversas com as múltiplas linguagens presentes no mundo, incluindo a promoção de inserção às culturas do escrito, de uma maneira que não seja escolarizante, no sentido de copiar o modelo do Ensino Fundamental, nem conteudista, conforme consta em documentos legais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009b) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

Com a obrigatoriedade de matrícula de crianças de 4 e 5 anos, ou seja, em idade pré-escolar, e com os objetivos do Plano Nacional de Educação (PNE), que

tem entre suas metas a erradicação do analfabetismo e a universalização da pré-escola, surge a preocupação na área acadêmica, de pesquisadores e de educadores sobre o lugar da aprendizagem da leitura e escrita em instituições de Educação Infantil (ARAUJO, 2016; BRANDÃO; LEAL, 2021).

No que concerne à linguagem escrita, esse objeto de conhecimento tão importante nas culturas grafocêntricas, é imprescindível que as crianças tenham acesso ao mundo letrado por meio de experiências mediadas, levando-as a refletirem sobre as diferentes linguagens, sem desconsiderar as especificidades da etapa, desde a creche (CERQUEIRA, 2022).

Nesse contexto, por exemplo, há um consenso entre profissionais do campo Baptista (2010), Goulart (2011) de que a literatura infantil representa significativas oportunidades de ampliação de experiências das crianças, por meio de histórias contadas em voz alta e manuseios de portadores textuais diversos, além do trabalho com os jogos de linguagem, parlendas, rimas, trava-línguas, quadrinhas, entre outros gêneros discursivos.

A discussão sobre o ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil (EI) no Brasil apresenta várias divergências entre os estudiosos. Comumente, como resquícios de marcas históricas, a concepção de escrita nas nossas escolas aponta para o entendimento da linguagem escrita como um mero código de transcrição da oralidade. Porém, para estudiosos do tema, por exemplo, Ferreiro e Teberosky (1985) e Magda Soares (2017) se posicionam ao contrário, da necessidade historicamente construída de “preparar” a criança para a alfabetização.

Nesse sentido, Brandão e Leal (2021) defendem o trabalho, desde a Educação Infantil, também com essa faceta da linguagem escrita. Pois, segundo elas, não é necessário esperar a chegada do Ensino Fundamental para que ocorra tal processo (BRANDÃO; LEAL, 2021).

Porém, as autoras fazem uma ressalva a esse respeito, ao sustentar que as práticas de alfabetização e letramento ocorram em contextos lúdicos, respeitando as infâncias e com imersão em diferentes textos escritos e não em textos artificiais e/ou no uso de treinamentos (BRANDÃO; LEAL, 2021). Alves e Ribeiro (2021) ressaltam que, Não obstante, as escolas, muitas vezes compreendem a brincadeira não como linguagem primordial e essencial às crianças, mas como algo prescritivo e repleto de regras.

Outra questão que não deve ser esquecida pelo docente é o fato de não tornar a alfabetização um fim para o aluno, mas atentar-se para o fato de que a prática alfabetizadora, assim como toda a atividade docente no sentido de educar as nossas crianças deve estar pautada na ideia da educação como trabalho eminentemente de meio, como percebemos nas palavras de Freire (2001):

É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem (FERREIRO, 2001).

Isso Freire já nos indicava há tempos, que sem investimento astucioso e substancial na educação como um todo, até fazer educandos e educadores, mas abatidos sob nossas existências.

É justamente nesse processo que se encontra a grande preocupação em desenvolver no aluno a capacidade de ler e escrever durante a Alfabetização. Porém, ocorrem alguns equívocos durante tal processo. O professor, muitas vezes, deixa de observar o conhecimento que o aluno já traz em sua bagagem cognitiva. Segundo Freire (1996):

O educador, como quem sabe, precisa reconhecer primeiro, nos educandos em processo de saber mais os sujeitos, com ele, deste processo e não pacientes acomodados; segundo reconhecer que o conhecimento não é dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não possui. (FREIRE, 1996)

Dessa forma, o autor nos leva a refletir que os alunos não são apenas mentes “vazias” que carecem de ser “preenchidas” de conhecimento, mas reconhecer que eles já possuem uma bagagem de conhecimento e auxiliá-los nessa jornada de aprendizado contínuo num ambiente saudável para seu desenvolvimento.

2.3 OS FUNDAMENTOS TEORICOS E METOLOGICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O processo de aquisição da leitura e da escrita é considerado um momento libertador, em que letras e palavras passam a fazer sentido para o sujeito. Quando esse processo se concretiza se diz que o sujeito está alfabetizado. Durante muito tempo era apenas privilégio de uma minoria. Mas o que é alfabetização? Que metodologias foram utilizadas ao longo da história para alfabetizar? O ato de alfabetizar vai além do processo de codificar e decodificar.

A alfabetização é a entrada de maneira dinâmica e crítica na sociedade, pois alarga a visão de mundo e integra a criança em sua formação, logo, não há como conceber que ela apenas aprenda a codificar e decodificar; é necessário que isso faça sentido para ela (ABUD, 1987). De modo restrito, a alfabetização perpassa pela aquisição de habilidades de leitura e escrita. Isto é, alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]. A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (SOARES, 2007, p. 15).

Uma breve retrospectiva sobre os diferentes métodos de alfabetização nos leva à Grécia, cujo ensino da leitura e da escrita era feito em praças públicas pelo gramático. Os métodos de ensino envolviam silabação, repetição, memorização e declamação. As crianças aprendiam poemas de Homero, entre outros, e os recitavam (ARANHA, 2012).

O método de aprendizado da leitura e da escrita era a memorização das letras, organizadas em versos, passando, a seguir, para a formação das sílabas. Só então chegava-se à leitura dos textos. Na escrita, usavam-se pequenas tábuas em que o mestre escrevia e as crianças copiavam (ARANHA, 2012).

Atualmente, imagens como as veiculadas pela mídia também servem para educação popular, ao se divulgar modelos de comportamento social, de estética e de ideologia. No Brasil, a partir da chegada dos colonizadores portugueses em nossas terras e da necessidade de comunicação com os índios, nasceram as primeiras ações de catequização e alfabetização (ARANHA, 2012).

O padre José de Anchieta era responsável pela missão de catequizar os índios e ensinar os filhos dos colonos. Como recurso para alfabetizar, utilizava [...]teatro, música, poesia, diálogos em verso. Pelo teatro e dança, os meninos, aos poucos, aprendiam a moral e a religião cristã (ARANHA, 2012, p. 228).

Soares (2011) alerta que:

Falam muito que, ao trabalhar essas coisas na Educação Infantil, se esquece de que é uma etapa em que as crianças devem brincar, jogar etc. Eu não diria isso. Pensam que, se você trabalha com letramento e alfabetização, está tirando o tempo da brincadeira. Mas essas atividades são lúdicas! devem ser lúdicas! Os exemplos que dei anteriormente, como a ida à biblioteca, a leitura de livros, a leitura de histórias, as atividades com os sons das palavras... a criança adora tudo isso, é um brinquedo para ela, isso é lúdico. (SOARES, 2011, s.p.).

Assim, o processo de alfabetização da criança precisa ser leve, pois quando é ensinado de forma pesada e cansativa, isso tira a criança da brincadeira a que ela

tem direito. Montessori (1965) rompeu com paradigmas em torno da educação, pois naquela época (século XX) as crianças não tinham valor algum perante a sociedade, além de serem frequentemente violentadas e castigadas.

Em meados de 1970 o foco da metodologia era atividades psicomotoras, realizadas a partir de exercícios de prontidão para a alfabetização, por exemplo, para preencher linhas pontilhadas em atividades descontextualizadas e fazer exercícios de cópia de traçados, para explorar e desenvolver habilidades relacionadas a percepções visuais e motoras.

O grande precursor das ideias libertadoras foi o educador Paulo Freire, quando defendia a educação como prática da liberdade, em oposição à prática opressora. Mas o que seria pensar uma prática revolucionária? Ou uma pedagogia que visa a libertação? Essas ideias tão defendidas pelo educador Paulo Freire fundamentam-se nas nossas ações diárias, visto que muitas das nossas atitudes apresentam resquícios de uma prática opressora sofrida, que nega o direito ao povo de ser cidadão.

Uma prática revolucionária visa romper com essa visão. E alfabetizar na perspectiva política emancipadora é conscientizar o sujeito a não mais aceitar práticas opressoras que negam o seu ser e estar no mundo. Nessa perspectiva, a ação do educador consciente e que objetiva não mais sujeitos oprimidos, pauta sua prática em ações e métodos que exercitam uma participação libertadora dos novos alfabetizados.

3 MÉTODO

O objeto do estudo mostra-se delineado nas perspectivas sobre as práticas alfabetizadoras. Assim, abordamos as perspectivas das práticas alfabetizadoras na Educação Infantil; particularmente na rede de ensino infantil municipal Escola Professora Nilda da Rocha Portal, sendo intrinsecamente ligada ao método de pesquisa e a problematização do conteúdo. Bogdan e Biklen (1994, p.48) afirmam através dos dados qualitativos que os pesquisadores frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto, entendem que as ações podem ser mais compreendidas. Antes, porém, cabe-nos contextualizar o tipo de pesquisa escolhido para um melhor entendimento a respeito.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizada uma pesquisa da pesquisa qualitativa através de uma abordagem metodológica de campo e de pesquisa bibliográfica exploratória, com método baseado no estudo sobre as práticas alfabetizadoras na educação infantil, com instrumentos do tipo entrevista semiestruturada e questionário aberto e com ênfase nas Perspectivas do professores sobre as práticas educacionais da alfabetização infantil, as percepções da coordenação sobre as práticas educacionais e as concepções da direção sobre a prática alfabetizadora no ambiente escolar da educação infantil.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

As práticas alfabetizadoras na educação Infantil ocorreram na Escola Municipal Professora Nilda Rocha Portal, localizada na Avenida dos Caramurú, nº 302, bairro do Buritizal.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa se mostraram cientes sobre a importância das práticas alfabetizadoras. Os sujeitos escolhidos para pesquisa foram: dois (02) professores, uma (01) coordenadora pedagógica e uma (01) diretora escolar, sendo que, todos foram lotados da Escola Municipal da educação infantil de Macapá, onde apresentam uma história pessoal e profissional de experiência pertinente ao tema.

3.4 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa com abordagem metodológica de campo e de pesquisa bibliográfica exploratória, que busca compreender as percepções, experiências sobre as práticas dos professores da Educação Infantil em relação ao processo de alfabetização. A pesquisa permitiu analisar com profundidade as vivências dos sujeitos, valorizando seus discursos e a construção subjetiva das práticas pedagógicas no contexto escolar.

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica consiste em um estudo baseado em materiais já elaborados, como livros, artigos científicos, periódicos e outros documentos, com o objetivo de analisar e interpretar informações relevantes para um determinado tema.

Desta forma, o questionário aberto e a entrevista semiestruturada serviram como técnicas para coletar informações importantes para a construção deste trabalho, pois através das perguntas abertas os sujeitos da pesquisa tiveram autonomia de suas respostas e pela entrevista para coleta de informações diretas do sujeito investigado. Nas ciências humanas e sociais, a entrevista qualitativa é uma técnica de pesquisa amplamente empregada. Para Gaskell (2011, p. 64), o seu emprego dá-se no sentido de mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes, é o ponto de entrada para o pesquisador que introduz esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da seguinte ordem: foram dois (02) professores denominados de A e B respectivamente, uma (01) Coordenadora pedagógica e uma (01) Diretora denominadas C.01 e D.01 respectivamente. Para os professores foi aplicado um questionário de nove (09) perguntas, sendo que dentre elas foram escolhidas apenas cinco (05) perguntas para análise e para a coordenadora pedagógica foi aplicado outro questionário de (10) perguntas e dentre elas foram escolhidas apenas quatro (4) perguntas para análise. E para a diretora foi produzido 01 (uma) entrevista com roteiro possuindo: coleta de dados gerais e (05) perguntas, sendo que dentre elas foi escolhido apenas uma pergunta para análise. Vale reiterar que as entrevistas foram mediatizadas por um roteiro definido antecipadamente. E a análise documental foi desenvolvida a partir do documento norteador deste artigo, o qual se trata do DCNEI.

3.5 ANÁLISE DA PESQUISA

A análise dos dados coletados através da aplicação dos questionários aos participantes em relação as perspectivas sobre as práticas alfabetizadoras da educação infantil foram realizadas a partir dos resultados encontrados, onde a análise do questionário foi descrita através da sintetização analítica das respostas para sucessivamente mostrar os resultados acerca das perspectivas da coordenação pedagógica. Logo, foi possível fazer uma leitura detalhada de todo o

material transcrito, para identificar conjunto de palavras que tenham sentido para a pesquisa, e classificar em categorias que sejam semelhantes, conduzindo a entrevista com os objetivos específicos e delimitados pelas pesquisadoras. Depois da coleta dos dados foi desenvolvida a análise e interpretação deles, processos estes que se relacionam.

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas (GIL, 1999, p. 168). Analisa-los possibilita a formação de sentido e interpretação do que os sujeitos da pesquisa repassaram ao pesquisador e proporciona a elaboração de significados.

4 APRESENTAÇÃO DAS DISCUSSÕES E RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 A ANÁLISE SOBRE AS PERSPECTIVAS DAS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS

É importante destacar que o estudo das práticas alfabetizadoras se baseia no objetivo geral desta pesquisa, que visa analisar as perspectivas dos professores, sobre as práticas alfabetizadoras na educação infantil, quais contribuições esta pode proporcionar para as práticas pedagógicas na educação infantil e em que momento ele considera a criança protagonista de seu desenvolvimento.

Segundo Arce (2010) a instituição de Educação Infantil é um lugar onde predomina o espontâneo e as brincadeiras prazerosas, ou seja, há uma atmosfera não-diretiva no trabalho pedagógico.

4.2 ANÁLISE DA PESQUISA QUANTO AOS PROFESSORES

Para a aplicação do questionário aberto foram selecionados 02 professores da educação infantil municipal, que aqui denominamos de professor A e B e teve como objetivo analisar suas perspectivas sobre as práticas alfabetizadoras da educação infantil. No decorrer da pesquisa foram feitas 9 perguntas a cada docente, dentre elas elencamos 05 perguntas para discutir o resultado que consideramos pertinentes para a pesquisa em questão.

Na primeira questão foi inserido o seguinte questionamento: **Quais os fundamentos teóricos e metodológicos que você utiliza pode auxiliar no processo de alfabetização dos alunos da Educação Infantil?**

Em relação ao entendimento dos professores sobre os fundamentos teóricos e metodológicos que eles utilizam para auxiliar no processo de alfabetização, os dois (02 sujeitos) revelam abordagens distintas de práticas educativas para alfabetização, porém complementares, na qual norteia as ações em sala de aula e proporcionam uma articulação entre saberes, habilidades e experiências dos educandos. Podemos observar esses aspectos na seguinte afirmação:

Utilizo o método alfabético, o método fônico, onde faz associação dos sons e palavras, ensinando as vogais e constantes” (Professor A).

Trabalho com a rotina da escola, com a acolhida, com roda de conversa, atividades lúdicas, musicalidade e leitura sonora” (Professor B).

As abordagens que adotam métodos tradicionais de ensino da leitura, centrados na correspondência grafema-fonema, característica do método fônico (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2000). Essa abordagem pode contribuir para o reconhecimento dos sons da fala, mas tende a ser limitada se desvinculada de práticas significativas de leitura e escrita (SOARES, 2004).

Já as práticas que estão alinhadas ao sociointeracionismo, conforme Vygotsky (1984), valorizam a interação social e o uso funcional da linguagem no cotidiano escolar. A musicalidade, leitura em voz alta e roda de conversa são estratégias que fortalecem a linguagem oral e preparam para a alfabetização de forma contextualizada (ROSA; ROJO, 2021).

Na segunda questão os professores responderam a seguinte pergunta: **Como as práticas pedagógicas na Educação Infantil podem contribuir com o processo de alfabetização?** No que se refere as contribuições no processo de alfabetização, ambos os docentes reconheceram o papel mediador das práticas pedagógicas na construção da linguagem escrita e das habilidades necessárias para que os educandos se desenvolvam e construam conhecimento. Os docentes abordaram em suas respostas a seguinte compreensão:

“Preparando as crianças para leitura e escrita de forma lúdica e significativa” (Professor A).

“Promovendo o desenvolvimento das habilidades fundamentais para que a criança compreenda e utilize a linguagem escrita de forma significativa” (Professor B).

Diante disso, a ludicidade mencionada por ambos, segundo Kishimoto (2011) é reconhecida como elemento essencial para o ensino na infância, pois proporciona experiências significativas e prazerosas que estimulam a cognição.

Além disso, o professor destaca o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como preconiza a BNCC (2017), que propõe que a Educação Infantil deve favorecer o letramento emergente por meio de práticas que envolvam leitura, escuta atenta, interpretação e produção oral e escrita em contextos reais e afetivos.

Em relação a terceira questão os professores responderam a seguinte pergunta: **Na sua percepção, quais são os principais desafios enfrentados pelos alunos da Educação Infantil em relação à aprendizagem?** As respostas destacaram os desafios multidimensionais enfrentados pelas crianças, que vão além do espaço escolar. Nesse sentido os docentes responderam o seguinte:

“A falta de motivação e interesse da criança em ir para escola, falta de atenção, transtornos e etc.” (Professor A).

“Para mim esses desafios estão ligados aos aspectos do desenvolvimento integral do aluno, como: o acesso ao material escolar em casa, estímulo, ser livre para brincar, separação dos pais etc. Isso interfere muito na aprendizagem da criança” (Professor B).

Autores como Oliveira (2010) e Abramowicz (2005) ressaltam que o desenvolvimento integral da criança depende da interação entre fatores emocionais, familiares, sociais e escolares, o que exige da escola uma atuação acolhedora, sensível e articulada com a comunidade e as famílias.

Com relação a quarta questão os professores responderam a seguinte pergunta: **Como a Educação Infantil pode preparar as crianças para a alfabetização?** Em resposta ambos os sujeitos apresentaram exemplos de práticas alfabetizadoras, em que, visam o desenvolvimento da linguagem, a interação do aluno com a escrita, o uso de materiais manipuláveis, de jogos e brincadeiras. Dessa forma, os docentes responderam o seguinte:

“Através do desenvolvimento da linguagem, interação com a escrita, materiais manipuláveis, jogos e brincadeiras” (Professor A).

“Promovendo o desenvolvimento das habilidades como: cognitivas, emocionais, motoras, linguísticas que são fundamentais para que a criança aprenda a ler e escrever. Isso através da ludicidade é das vivências significativas tanto na escola, como em casa” (Professor B).

As respostas evidenciam consonância com os princípios da pedagogia da infância. A formação para a alfabetização não deve se restringir ao ensino formal de letras e palavras, mas sim ao desenvolvimento global da criança, como defendido por Horn (2010) e pela BNCC (2017).

A prática com materiais manipuláveis e jogos, conforme citado, estimula a motricidade fina, atenção e compreensão simbólica, que são pré-requisitos importantes para a leitura e escrita (BRITO, 2009). A vivência significativa, citada pelo Professor B, remete à aprendizagem situada, em que a criança se apropria da linguagem ao vivenciar experiências com sentido para ela.

Concluindo os resultados, na quinta questão os professores responderam a seguinte pergunta: **Que recursos didáticos você costuma utilizar em sala de aula e qual sua eficácia com os alunos da Educação Infantil?** As respostas evidenciam diversificação e riqueza de recursos didáticos, aspecto fundamental na Educação Infantil. Os docentes abordaram em suas respostas a seguinte compreensão:

“Materiais impressos, jogos educativos, brinquedos, tecnologias, atividades lúdicas e objetos” (Professor A).

“O uso de livros de história, lúdico, musicalidade, brinquedos pedagógicos, materiais estruturados, cartazes, murais, massinha, tinta guache, entre outros. A eficácia depende da forma de utilização desses materiais, no meu caso, tem dado certo” (Professor B).

Segundo Libâneo (1994), o uso intencional e planejado de diferentes materiais potencializa as aprendizagens, desde que contextualizados e adaptados à realidade da turma.

O destaque do Professor B para a intencionalidade pedagógica é relevante: os materiais, por si só, não garantem aprendizagem, sendo o papel do professor crucial na mediação e articulação entre o recurso e o objetivo pedagógico (MEC, 2015).

4.3 ANÁLISE DA PESQUISA QUANTO A COORDENADORA PEDAGÓGICA

A aplicação do questionário para a coordenadora pedagógica teve por objetivo averiguar as percepções da coordenação sobre as práticas educacionais. Na análise da pesquisa, foi destacado quatro (04) perguntas norteadoras.

A primeira pergunta a coordenadora respondeu a seguinte pergunta: **Quais estratégias a escola utiliza para promover o engajamento e a permanência dos**

alunos na Educação Infantil? A coordenadora destaca como principal estratégia o uso da busca ativa, diálogo com as famílias e controle documental para que o aluno esteja inserido no processo de ensino e aprendizagem relativo às práticas alfabetizadoras da escola municipal. Dessa forma, a coordenadora respondeu o seguinte:

“As estratégias é fazer a busca ativa mensalmente das crianças que estão ausentes, conversar com os pais e solicitar documentação que comprove o motivo da ausência da criança, em caso de problemas.”

A busca ativa escolar, recomendada por políticas públicas como o programa “Busca Ativa Escolar” da UNICEF (2017), é uma ferramenta fundamental para garantir o direito à educação, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Essa prática evidencia o compromisso da escola em assegurar acesso, permanência e aprendizagem, que são dimensões interdependentes da inclusão escolar (CNE/CEB, 2009).

No entanto, a permanência vai além da presença física: envolve a qualidade das interações pedagógicas, o acolhimento afetivo e a construção de vínculos com as crianças e suas famílias (ROSEMBERG, 2013). A gestão escolar municipal, nesse sentido, precisa ampliar estratégias de escuta ativa e projetos de envolvimento comunitário, que reforcem o pertencimento da criança ao espaço escolar desde os primeiros anos.

A segunda pergunta a coordenadora respondeu a seguinte: **Quais metodologias de ensino são mais utilizadas pelos professores para introduzir a alfabetização na Educação Infantil? Elas são eficazes?** A coordenadora aponta que a ludicidade, por meio de jogos e brincadeiras, é a metodologia predominante dentre as práticas alfabetizadoras que muitos professores utilizam na escola municipal. Dessa forma, a coordenadora respondeu o seguinte:

“Jogos, brincadeiras, atividades diversificadas na maioria são eficazes. As práticas não eficazes se dão em decorrência de fatores diversos.”

Essa escolha é coerente com os princípios da Educação Infantil e com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que reconhece o brincar como eixo estruturante das práticas pedagógicas, inclusive no processo de aproximação à linguagem escrita.

Segundo Kishimoto (2011), os jogos favorecem a aprendizagem porque promovem interesse, participação ativa e desenvolvimento de habilidades cognitivas,

motoras e linguísticas. A alfabetização, quando iniciada de forma contextualizada e significativa, permite à criança atribuir sentido à linguagem escrita, respeitando sua fase de desenvolvimento (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Em relação a terceira pergunta a coordenadora respondeu a seguinte pergunta: **De que forma os recursos didáticos e materiais pedagógicos contribuem para a prática alfabetizadora dos professores da Educação Infantil?** Em relação a essa pergunta, a coordenadora reconhece o valor dos recursos didáticos para a alfabetização, mas aponta uma limitação concreta: a falta de disponibilidade de materiais. Isso evidencia um desafio recorrente na realidade das escolas públicas brasileiras. Dessa forma, a coordenadora respondeu o seguinte:

“Os recursos didáticos e materiais contribuem de forma significativa para o progresso do processo, porém na maioria das vezes a escola não tem os recursos disponíveis.”

De acordo com Libâneo (1994) os recursos pedagógicos têm papel mediador entre o conhecimento e o aluno, e, quando bem escolhidos, podem tornar o conteúdo mais acessível e estimulante. Nesse sentido, na Educação Infantil, os materiais concretos como por exemplo, os livros, letras móveis, painéis visuais, instrumentos sonoros e jogos são essenciais para envolver a criança no universo da linguagem.

Entretanto, a escassez de recursos materiais compromete a qualidade da prática pedagógica. Isso exige da coordenação pedagógica criatividade na reutilização de materiais, busca por parcerias e planejamento colaborativo com os professores para garantir que o essencial esteja presente, mesmo em contextos de escassez (Libâneo, 1994).

Com relação a quarta pergunta a coordenadora respondeu a seguinte pergunta: **Como a coordenação pedagógica atua na mediação de dificuldades de aprendizagem identificadas na Educação Infantil?** Em relação a última pergunta a coordenadora apresentou que a literatura recomenda que a coordenação também atue na articulação com os serviços de apoio psicopedagógico (quando disponíveis), para o desenvolvimento de formações continuadas sobre alfabetização na infância e no estímulo à prática reflexiva coletiva. Dessa forma, a coordenadora respondeu o seguinte:

“Sempre conversamos com os professores sobre como a criança tem se comportado com relação à aprendizagem, sempre orientando,

aprontando e indicando estratégias para minimizar as dificuldades de aprendizagem.”

A atuação pautada na escuta dos docentes e na orientação pedagógica direta, o que está em sintonia com a função da coordenação como mediadora entre a gestão escolar e o fazer docente (ALMEIDA, 2012).

É evidente que é possível ensinar através de diferentes meios e formas, nesse sentido, é necessário analisar o comportamento do aluno antes, durante e após do contato com o conhecimento. É papel da coordenação pedagógica promover o acompanhamento contínuo da turma, escutar os professores, oferecer feedback e sugerir intervenções pedagógicas personalizadas, respeitando os tempos e ritmos de cada criança (ALMEIDA, 2012).

4.4 ANÁLISE DA PESQUISA QUANTO A DIRETORA

A entrevista com a diretora da escola municipal teve por objetivo analisar as concepções da direção sobre a prática alfabetizadora no ambiente escolar da educação infantil, para iniciar a análise da pesquisa, destacamos alguns itens, tais como: 01. Dados gerais da diretora e 02. Sua compreensão sobre a utilização das práticas alfabetizadoras na educação infantil da escola municipal Professora Nilda da Rocha Portal.

Inicialmente denominamos a diretora com o nome fictício de D. 01, nos dados gerais relata sua Formação em Magistério; Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Atual em 2008, com especialização em Gestão Escolar na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) em 2012; exerce cargo/função de diretora (durante o período da pesquisa) e o tempo de atuação na escola pesquisada foi de 02 meses.

A pergunta selecionada do roteiro da entrevista semiestruturada para a diretora D. 01 foi a seguinte: **Considerando a importância da alfabetização escolar dos alunos, quais as atribuições da gestão escolar para favorecer esse processo na educação infantil?** De acordo com o roteiro de entrevista da diretora observou-se que ela possui uma larga experiência na educação infantil, pois aborda a necessidade de planejar estratégias, realizar acompanhamento do aluno em articulação com a coordenação pedagógica e secretaria escolar. Dessa forma, a diretora respondeu o seguinte:

“A elaboração de estratégias para suprir as necessidades, realização de acompanhamento do aluno juntamente com a coordenação escolar, a secretaria da escola para melhorar a educação infantil, pois ela é a base da educação.”

O acompanhamento sistemático dos alunos, em parceria com a coordenação, evidencia uma prática de monitoramento pedagógico preconizada pela BNCC e estudos sobre gestão escolar, onde a gestão acompanha práticas docentes, diagnósticos de dificuldades e orienta intervenções (SANTOS; MIGUEL, 2021). Nesse sentido, esse tipo de acompanhamento promove a identificação precoce de lacunas no letramento emergente, favorecendo ações corretivas antes da escolarização formal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das perspectivas sobre as práticas alfabetizadoras na Educação Infantil da Escola Municipal Professora Nilda da Rocha Portal evidenciou o compromisso da equipe pedagógica com uma alfabetização que respeite as especificidades do desenvolvimento infantil.

Os professores evidenciaram que para haver aprendizado significativo é necessário o sociointeracionismo, utilização atividades lúdicas, de brincadeiras, da contextualização, no entanto relataram que pela falta de disponibilidade de material e recursos limita a ação docente, sendo assim garantem que a aprendizagem, sendo o papel do professor crucial na mediação e articulação entre o recurso e o objetivo pedagógico. A coordenadora revelou a valorização de metodologias lúdicas, do uso de materiais pedagógicos variados e do cuidado com o ambiente educativo como elementos essenciais para promover a alfabetização. A diretora reconheceu a limitação quanto aos materiais necessários para o processo ensino-aprendizagem na educação infantil, nesse sentido, abordou a necessidade de planejar estratégias, realizar acompanhamento do aluno em articulação com a coordenação pedagógica e secretaria escolar, evidenciando uma implantação do acompanhamento sistemático eficiente na escola.

Verificou-se que as práticas adotadas estão, em sua maioria, alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhece o brincar, a escuta, a fala, o pensamento e a imaginação como eixos fundamentais da aprendizagem na infância. Além disso, a atuação da gestão escolar e da

coordenação pedagógica se mostrou estratégica na mediação de dificuldades, no acompanhamento das turmas e na elaboração de ações que buscam garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem significativa. Contudo, também foram identificados desafios, como a escassez de recursos didáticos e as dificuldades enfrentadas pelas famílias no apoio à aprendizagem das crianças. Tais aspectos apontam para a necessidade de investimentos contínuos em formação docente, estrutura física e fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade.

Dessa forma, as perspectivas analisadas reafirmam a importância de uma alfabetização que se inicie desde a Educação Infantil de maneira integrada, intencional e acolhedora, promovendo não apenas o domínio técnico da leitura e da escrita, mas a formação de sujeitos críticos, criativos e plenamente inseridos no mundo da linguagem.

6. REFERENCIAS

ABRAMOWICZ, A. **Educação Infantil e diversidade cultural**. ed. Cortez, São Paulo, 2005.

ABUD, M. J. M. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização**. ed. EPU, São Paulo, 1987.

ALVES, K. L.; RIBEIRO, S. **Reflexões sobre concepções de crianças e infâncias, e a escola de Educação Infantil como reduto e resistência das infâncias**. Revista Humanidades e Inovação, v. 8, n. 32, Palmas, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5014>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ALMEIDA, L. R. de. **Coordenação pedagógica: desafios e complexidades**. ed. Papirus, Campinas, 2012.

ALMEIDA, V. F. de. **A importância do Letramento nas séries iniciais**. 2012. 15 f. Curso de Pedagogia, Centro Universitário UNIFAFIBE, 2012. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074426.pdf>. Acesso em: 28 fev.2022.

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. ed. Moderna, São Paulo, 2012.

ARAUJO, L. C. **Brincar com a linguagem: educação infantil “rima” com alfabetização?** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, n.4, p.2325-2343, Araraquara, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9196/6087>. Acesso em: 16 jun. 2022.

ARCE, A.; LIGIA, M. **O referencial curricular nacional para a educação infantil e o espontaneísmo: (re)colocando o ensino como eixo norteador do trabalho pedagógico com crianças de 4 a 6 anos**. 2ª ed. SP: Editora Alínea, Campinas, 2010.

BAPTISTA, M. C. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

BNCC – **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017.

BODGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. 3. ed. Porto, Porto, 1994.

BRANDÃO, A. C. P.; LEAL, T. F. **Alfabetizar e letrar na educação infantil: O que isso significa?** In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. *Ler e Escrever na Educação Infantil: Discutindo práticas pedagógicas*. 2. ed. Ed. Autêntica, p.13-32. Belo Horizonte, 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2009b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 jun. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB - nº9394/96**, 20 de dezembro de 1996.

BRITO, L. O. **Alfabetização e desenvolvimento psicomotor**. São Paulo: Papyrus, 2009.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. **Método fônico de alfabetização**. Ed. Memnon, São Paulo, 2000.

CERQUEIRA, A. G. **Reflexões Sobre Processos de Alfabetização Inicial em Crianças de Idade Pré-Escolar**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Resolução nº 5/2009.

FRAGO, A. V. **Alfabetização na Sociedade e na História: vozes, palavras, textos**. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 32. Ed. Cortês, São Paulo, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1999.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
LEI DIREITO. Lei n. 11.274 de 06 de fevereiro de 2006. Disponível em: www.leidireito.com.br/lei-11274.html. Acesso em 06 de maio de 2010.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais**. In: M. W. BAUER; G. GASKELL (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Ed^a. Vozes, p.64-89, Petrópolis, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas, São Paulo, 2002.

GOULART, C. M. A. **Educação Infantil, letramento e alfabetização: um debate com professores sobre duas experiências pedagógicas**. In: GONÇALVES, A. V.; PINHEIRO, A. S. Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. 1. ed. Mercado de Letras, p. 259-280. São Paulo, 2011.

GADOTTI, M. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO Como negar nossa história**. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/a4d9f828-5867-4c4d-ad89-800f02112b93>. Acesso em: 19 dez.2024.

HORN, M. G. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. Ed. Moderna, São Paulo, 2010.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. Ed. Pioneira, São Paulo, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. Ed. Cortez, São Paulo, 1994.

MONTESSORI, M. **Pedagogia Científica: a descoberta da criança**. São Paulo, Flamboyant, 1965.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento**. Ed. Scipione, São Paulo, 2010.

ROSA, E.; ROJO, R. H. R. **Letramentos na infância**. Ed. Parábola, São Paulo, 2021.

SANTOS, S. A. M.; MIGUEL, J. R. Alfabetização e Letramento: Concepções e práticas pedagógicas no âmbito escolar. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. v. 16, n. 60, p. 200-232, 2021.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p.5-17, 2004.

SOARES, M. **Aprendizagem lúdica. [Entrevista concedida] Rubem Barros**. Revista Educação, São Paulo, 1 nov. 2011. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/aprendizagem-ludica/> Acesso em: 18 dez. 2024.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2007.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. Ed. Contexto, São Paulo, 2016.

SOARES, **Magda**. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. Contexto, São Paulo, 2017.

SCARPA, R. **Alfabetizar na Educação Infantil**. Nova Escola, 01 fev. 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/542/alfabetizar-na-educacao-infantil-pode>. Acesso em: 05. jan. 2022.

UNICEF. **Busca Ativa Escolar: metodologia para enfrentar a exclusão escolar**. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1984.